

JON FOSSE

o outro nome
septologia I-II



cavallo de ferro

I

E vejo-me de pé a olhar para a pintura com as duas linhas, uma roxa e outra castanha, que se cruzam a meio numa imagem alongada, e vejo que pintei as linhas devagar e com tintas de óleo espessas que escorrem entretanto, e onde a linha castanha e a roxa se cruzam as cores misturam-se harmoniosamente e escorrem para baixo e eu acho que isto não é uma verdadeira pintura, mas ao mesmo tempo a pintura é exactamente o que deve ser, está pronta, não há mais nada a acrescentar-lhe, penso eu, e tenho de a pôr de lado, já não quero tê-la ali montada no cavalete, já não quero olhar mais para ela, penso eu, e penso que hoje é segunda-feira e acho que tenho de pôr de lado a pintura, juntá-la às outras pinturas em que estou a trabalhar mas que ainda não terminei, as que têm a parte interior da moldura virada para fora e que estão encostadas à parede entre a porta do quarto e a porta do corredor, por baixo do gancho onde está pendurada a mala de usar a tiracolo em cabedal castanho, aquela em que transporto o bloco de esboços e o lápis, e depois olho para as duas pilhas de quadros prontos que se encontram encostados à parede ao lado da porta da cozinha e já tenho prontas mais de uma dezena de pinturas das maiores e ainda umas quatro ou cinco das mais pequenas, mais ou menos isso, no total são aí uns catorze quadros que se amontoam respectivamente em duas pilhas, uma ao lado da outra, junto da porta da cozinha, pois já não falta muito tempo para a minha próxima exposição, na sua maioria os quadros são mais ou menos quadrados, como se diz, penso eu, mas de vez em quando também pinto quadros que são compridos e estreitos e o quadro com as

duas linhas cruzadas é rectangular, como se diz, mas essa pintura não quero incluí-la na minha próxima exposição, pois na verdade não gosto dela em absoluto, possivelmente até nem é uma verdadeira pintura, apenas dois traços, ou talvez eu queira ficar com ela para mim e não a vender? pois tenho pinturas que desejo guardar e que não quero vender, e esta talvez seja uma dessas ainda que eu desgoste da pintura? sim, ainda que talvez se possa dizer que é uma pintura falhada, talvez eu queira conservá-la, ficar com ela? e não sei porque é que quero ficar com ela juntamente com umas quantas outras que tenho amontoadas no sótão, numa das divisões que lá há, e não quero desfazer-me dela, ou talvez... espera lá, talvez o Åsleik queira ficar com a pintura? sim, para a oferecer à Irmã como prenda de Natal? todos os anos, durante o Advento, eu dou-lhe uma pintura que ele oferece à Irmã como prenda de Natal, e em troca ele oferece-me carne e peixe e lenha, entre outras coisas, bem, e há que não esquecer que o Åsleik também me limpa a neve do caminho da quinta no Inverno, como ele costuma dizer, sim, isso também conta, e quando lhe digo por quanto foi vendida uma pintura deste tipo em Bjørgvin, então o Åsleik responde que para ele é inconcebível que as pessoas estejam dispostas a pagar tanto por uma pintura, que quem o faz é porque em todo o caso deve ter bastante dinheiro, diz ele, e eu respondo que consigo perceber que ele ache muito dinheiro, pois também eu acho isso, e o Åsleik diz então que, sendo assim, é efectivamente um bom negócio que ele está a fazer, pois nesse caso todos os anos tem oferecido à Irmã uma prenda de Natal demasiado valiosa, diz ele, e eu respondo pois sim, e a seguir ficamos calados e depois digo que também tem acontecido eu dar-lhe algumas notas pela carne fumada e pela carne salgada e pelo peixe seco e pela lenha, e pela limpeza da neve da quinta, e talvez até lhe tenha dado um ou outro saco com alguns víveres que compro em Bjørgvin quando vou lá fazer compras, digo eu, e ele diz-me um pouco embaraçado que é verdade que o faço, é justo reconhecê-lo, diz ele, e eu acho logo que não devia ter dito isto, pois o Åsleik não quer receber dinheiro ou qualquer outra coisa, mas onde quero chegar é que eu tenho meios para viver,

tenho o suficiente, e ele a bem dizer não tem dinheiro, então dou-lhe simplesmente umas quantas notas de maneira rápida e discreta, como se não déssemos por nada, e o mesmo se passa quando vou fazer compras a Björgvin, compro sempre qualquer coisa para o Ásleik, penso eu, pois se eu ganho pouco, ele não ganha quase nada comparado com o que eu ganho, penso eu, e olho para as pilhas de pinturas acabadas que ali se encontram amontoadas com a parte interior do caixilho virada para fora, e cada uma das pinturas tem um título que está pintado com tinta de óleo preta e espessa na parte superior do caixilho, e a pintura que está mais ao de cima e que estou a ver chama-se *E as Ondas Batem ao de Leve*, pois os títulos são importantes para mim, eles fazem parte da própria pintura, e eu pinto-os sempre com tinta preta na parte superior do interior do caixilho, e os meus caixilhos sou eu mesmo que os construo, sempre o tenho feito e continuarei a fazê-lo enquanto pintar, penso eu, e acho que de facto talvez sejam demasiados quadros para uma só exposição, mas vou levá-los todos e entregá-los na Galeria Beyer e nesse caso caberá ao Beyer deixar alguns de parte e colocá-los na sala ao lado da própria galeria, no Banco, que é como ele chama ao espaço onde armazena as pinturas que não vão ser expostas, penso eu, e vou novamente olhar para a pintura dos dois traços que se cruzam, ambos estão pintados com tinta espessa, pastosa, como se diz, e a tinta de óleo alterou-se um pouco e transformou-se numa cor um pouco estranha no ponto onde os dois traços se cruzam, é uma cor bela sem nome, tal como acontece quase sempre, pois é claro que não pode haver um nome para cada uma das inúmeras cores que existem, penso eu, e afasto-me alguns metros da pintura e fico parado a olhar para ela, depois apago a luz e continuo ali parado a olhar para a pintura no escuro, pois lá fora está escuro, nesta época do ano está escuro ou quase escuro durante todo o dia, penso eu, olhando para a pintura, e os meus olhos começam a acostumar-se à escuridão e consigo ver os traços, vejo-os onde se cruzam, e vejo que há muita luz na pintura, sim, muita luz invisível, então sim, afinal talvez seja mesmo uma boa pintura, penso eu, e já não quero olhar mais para a pintura, penso eu, e no entanto fico ali parado

a olhar para ela, mas agora vou ter mesmo de deixar, penso eu, e olho na direcção da mesa redonda que está em frente da janela, junto da mesa redonda estão duas cadeiras, e numa delas, na da esquerda, sentava-me eu e ainda me sento, e na da direita sentava-se sempre a Ales, bem enquanto estava viva, mas ela morreu demasiado jovem e eu não quero pensar nisso, e a minha irmã Alida, que também morreu muito nova e eu tão-pouco quero pensar nisso, penso eu, e vejo-me ali sentado na minha cadeira a olhar para aquele ponto fixo para onde costumo olhar no Lago Sygne, para o meu ponto de referência, onde as copas dos pinheiros que se encontram por baixo da minha casa convergem ao meio da vidraça central, na metade direita da janela dupla, pois esta janela está dividida em duas metades, e ambas se podem abrir, e cada metade da janela compõe-se de três vidraças, e é ao meio da metade direita que as copas dos pinheiros devem convergir, daqui avisto os pinheiros e junto do meu ponto de referência consigo ver as ondas na escuridão e vejo-me lá sentado a olhar para as ondas ao largo e vejo-me a andar em direcção ao meu carro, que está estacionado diante da Galeria Beyer, levo vestido o meu sobretudo preto e pendurada no ombro a bolsa de couro castanha, estive há pouco no café Kaffistova, mas hoje não tinha assim muito apetite, o que acontece frequentemente, e não encomendei jantar mas pedi simplesmente uma sanduíche de bife panado com cebola frita, e o dia já vai avançado e eu já comprei tudo o que tinha pensado comprar em Bjørgvin, portanto agora são mais que horas de regressar a casa em Dylgja, afinal ainda é uma distância razoável a conduzir, penso eu, e sento-me no carro, coloco a bolsa castanha de couro no assento do passageiro e ligo o motor, ponho o carro em marcha e saio de Bjørgvin pelo caminho que o Beyer me ensinou uma vez há muito tempo, sim, um dia ele ensinou-me como entrar e sair de Bjørgvin, ensinou-me como chegar à Galeria Beyer por determinado caminho e sair da Galeria Beyer exactamente pelo mesmo caminho mas no sentido inverso, penso eu, ao sair de Bjørgvin, e caio naquele agradável torpor que a condução pode provocar e reparo que em breve irei passar pelos blocos de apartamentos onde mora o Asle, ali em Skutevika,

que ficam mesmo à beira do lago e têm em frente um pequeno molhe, penso eu, e vejo o Asle trémulo deitado no seu sofá, todo o corpo dele treme e o Asle pensa porque é que eu não consigo parar de tremer? e pensa que ontem à noite simplesmente se deitou no sofá e adormeceu, porque não teve forças para levantar-se e despir-se e deitar-se na sua cama, e o cão, nem sequer conseguiu sair para passear o cão *Brage*, que neste momento deve estar urgentemente necessitado de urinar, pensa ele, e ele ainda está bêbedo, pensa ele, completamente bêbedo, e ele precisa de parar de tremer tanto, mas todo ele tremelica, e não só as mãos, pensa o Asle, e pensa que agora tem de equilibrar-se nas pernas e ir até à cozinha e emborcar um pouco mais de aguardente para que os tremores acalmem, porque ontem à noite nem se despiu antes de ir deitar-se, não, limitou-se a ficar estendido no sofá a dormir a bebedeira até ficar sóbrio, pensa ele, e agora está ali estendido a olhar em frente, enquanto todo o seu corpo treme, treme, pensa ele, e tudo é... sim, é o quê? um espaço vazio? uma insignificância? um distanciamento? pois, sim, talvez, talvez seja um distanciamento, pensa ele, mas agora tem de ir emborcar um pouco mais de aguardente para que os tremores mais violentos se acalmem, pensa o Asle, e depois, depois sairá e irá então até ao lago, pensa o Asle, pois a única coisa que deseja, a única coisa que quer é partir, desaparecer, tal como desapareceu a sua irmã Alida quando era ainda criança, estava simplesmente estendida ali no leito, morta, a Irmã, pensa o Asle, tal como também desapareceu aquele rapaz da vizinhança, o que se chamava Bård, que caiu à água do barco que o pai possuía e não sabia nadar e não conseguiu voltar a subir para dentro do barco nem regressar a terra, pensa o Asle, e pensa que agora vai fazer um esforço e levantar-se e depois vai até à cozinha e vai beber um valente copo de aguardente para que os tremores se acalmem um pouco e a seguir vai dar uma volta pelo apartamento e apagar as luzes, dará uma volta por todo o apartamento para ver se deixa tudo em ordem e depois sairá de casa, fechará a porta à chave e a seguir descerá até ao lago, depois entrará na água e continuará a afastar-se sempre mais para o largo, pensa o Asle, e este pensamento vem-lhe à cabeça uma vez e

outra, é o único pensamento que ele consegue ter, o pensamento de entrar pela água adentro, pensa ele, e de acabar desaparecendo no lago, na imensidão das ondas, pensa o Asle, e este pensamento anda-lhe às voltas na cabeça, este pensamento não se desvanece, persiste simplesmente, pois só este pensamento, um único pensamento, marca uma presença, tudo o mais é um distanciamento vazio, uma proximidade vazia, não, nada é vazio, e contudo está vazio lá no seu vão escuro, e todos os outros pensamentos que ele tenta trazer à tona não consegue pensá-los, são demasiado pesados, mesmo o pensamento de que tem de levantar um dos braços lhe parece bastante pesado, e percebe que está a tremer, embora não se mova, todo o seu corpo está a tremer, e porque não consegue pensar sequer em erguer-se? em levantar uma das mãos? e porque é que a única coisa que consegue pensar é que quer ir afogar-se no lago? quer beber o suficiente para que os tremores se acalmem, em seguida apagar as luzes no apartamento, talvez limpar o apartamento, se acaso for necessário, pois tudo tem de ficar em ordem antes de ele partir, pensa o Asle, e pensa que talvez devesse ter escrito uma palavrinha ao Rapaz, bem, ele já é um rapaz crescido, crescido é ele já desde há muito, e vive em Oslo, ou talvez pudesse telefonar-lhe? mas nem ele nem o Rapaz gostam muito de falar ao telefone, pensa o Asle, ou talvez devesse escrever uma carta à Liv? afinal eles estiveram casados vários anos, mas já estão divorciados há tanto tempo que já não existe entre eles qualquer ressentimento, e não pode simplesmente desaparecer sem se despedir de ninguém, ele acha que é incorrecto, mas a outra com quem esteve casado, a Siv, nessa nem ele sequer consegue pensar, limitou-se a sair de casa dele e a levar consigo o Filho e a Filha, de repente tinham simplesmente desaparecido, não, ele nunca tinha sequer pensado em separarem-se quando ela lhe disse que já não aguentava mais e se foi embora, levando consigo o Filho e a Filha, já tinha até encontrado casa para eles, disse ela mas ele não ficou a perceber nada, pensa o Asle, e posteriormente o Filho e a Filha vinham visitá-lo ao fim-de-semana, de quinze em quinze dias, durante um período, recorda, mas depois a Siv encontrou outro homem e levou consigo o Filho

e a Filha e mudaram-se para algures em Trøndelag, para casa do novo companheiro que ela tinha encontrado, levou consigo as crianças, partiu e ele ficou sozinho e depois a Siv escrevia a exigir que ele pagasse isto e aquilo, e ele pagava o que quer que ela pedisse, desde que tivesse dinheiro, pensa ele, mas porquê pensar nisso? pensa o Asle, é simplesmente algo que se passou há muito tempo, mas agora já tudo se recompôs, está tudo arrumado, todos os apetrechos de pintura ocupam os seus devidos lugares em cima da mesa, e os quadros encontram-se encostados à parede com a parte interior dos caixilhos voltada para fora, os pincéis estão limpos ao lado uns dos outros, devidamente alinhados por tamanho, todos eles foram bem limpos com terebentina, e os tubos das tintas de óleo também se encontram ordenados ao lado uns dos outros, de acordo com a quantidade de tinta que ainda há em cada tubo, cada uma das tampas está devidamente enroscada, e o cavalete está vazio, tudo está arrumado, tudo está pronto e em ordem e ele limita-se a ficar ali estendido a tremelicar e a pensar em coisa nenhuma, só treme, e depois pensa outra vez que tem de levantar-se e pôr-se a andar e em seguida trancar a porta ao sair e descer até ao lago e entrar dentro de água, e afastar-se mar adentro até que as ondas o engulam e o façam desaparecer no ventre do lago, e pensa nisto recorrentemente, tudo o mais é nada, tudo o mais é a escuridão do nada, que de vez em quando, em súbitos vislumbres, o trespassa como um clarão e, então sim, ele é inundado por uma espécie de felicidade e pensa que algures deverá existir uma insignificância vazia, uma luz vazia, e imaginem se tudo pudesse ser só isso? pensa ele, ser só uma luz vazia, imaginem se pudesse existir um lugar assim? com o seu vazio, o seu vazio resplandecente? com o seu nada? pensa o Asle, e enquanto pensa num lugar assim, que obviamente não é nenhum lugar, pensa ele, cai numa espécie de sono que não é um sono, mas um movimento corporal em que ele se encontra imóvel, com todos os seus tremores, pois apesar de tremer continuamente tudo é pesado e ali, algures, sob aquele enorme peso, a luz é tão incrivelmente leve, sim, como uma fé, como uma promessa, pensa o Asle, e eu vejo-o ali estendido na sala grande, ou no *atelier*, ou o que quer que se lhe possa chamar,

penso eu, ele está estendido num sofá que está encostado à janela que dá para o lago e junto do sofá há uma mesinha baixa sobre a qual estão uns quantos blocos de esboços e alguns lápis que ali foram deixados, tudo está devidamente ordenado, as coisas ao lado umas das outras, esta é a sala dele, a sala do Asle, apenas isso, penso eu, e tudo na sua sala está bem ordenado, e encostada a uma das paredes está uma grande tela com a parte interior do caixilho virada para fora e a pintura virada para dentro contra a parede e vejo que o Asle pintou a preto *Escuridão Luminosa* na face superior do caixilho, que é por conseguinte o título da pintura, penso eu, e vejo que num recanto há um rolo de tela e noutra canto há segmentos de ripas de madeira para construir caixilhos, e vejo o Asle estendido ali no sofá e o corpo dele treme e ele pensa que tem de ir beber um pouco mais de aguardente para que aqueles tremores se acalmem, então senta-se e fica ali sentado no sofá e pensa que pelo menos tem de fumar um cigarro, mas treme tanto que nem consegue enrolar um cigarro, então tem de tirar um cigarro do maço que está em cima da mesinha baixa e tira o cigarro do maço, mete-o na boca e puxa da caixa de fósforos que tem no bolso das calças, acende um fósforo e lá consegue por fim acender o cigarro, depois tira algumas fumaças e decide que não vai retirar o cigarro da boca, e a cinza vai caindo, e em todo o caso em breve terá de ir beber um copo de aguardente, pensa o Asle, e treme, treme mas lá consegue voltar a meter a caixa de fósforos no bolso das calças e depois debruça-se sobre o cinzeiro que está em cima da mesinha e cospe nele o cigarro, e eu vou a conduzir para norte e penso que devia ter parado e ido ver o Asle, não devia simplesmente ter passado pela casa dele em Skutevika, mas se realmente é isso que ele quer, eu não posso impedi-lo de ir para o lago e de se meter na água, se é isso que ele quer então fá-lo-á, penso eu, e continuo a conduzir para norte e vejo-me de pé a olhar para a pintura dos dois traços que se cruzam, e vejo-me a ir até à cozinha da minha velha casa, pois é uma casa velha e uma cozinha velha, e vejo que tudo lá se encontra no seu lugar, tanto a bancada como a mesa da cozinha estão limpas, estou a ver que está tudo limpo e bem cuidado, como deve estar, e vejo-me

a entrar na casa de banho e a acender a luz, e lá também está tudo arrumado e limpo, o lavatório está limpo, a sanita está limpa e vejo-me de pé diante do espelho a olhar para o meu cabelo grisalho e ralo, para a barba grisalha e por fazer, levo a mão ao cabelo e retiro o elástico preto que mantém o cabelo junto e preso na nuca e o longo cabelo fino e grisalho solta-se-me sobre os ombros, sobre o peito, então passo os dedos pelo cabelo, puxo o cabelo para trás das orelhas, agarro no elástico preto e volto a juntar e a prender o cabelo na nuca e depois saio para o corredor e vejo o meu sobretudo preto ali pendurado, há quantos anos o tenho, penso eu, por conseguinte ninguém me poderá acusar de comprar roupa nova desnecessariamente, penso eu, e reparo nuns quantos cachecóis pendurados num cabide e acho que tenho muitos cachecóis, pois a Ales costumava oferecer-me um cachecol como prenda de Natal ou como prenda de anos, uma vez que era isso que eu desejava, ela perguntava-me o que eu queria receber como presente e a maior parte das vezes eu respondia que queria um cachecol e ela oferecia-mo, penso eu, entrando novamente na sala grande, ou no *atelier*, ou o que quer que se lhe possa chamar, para ser rigoroso será ambas as coisas, mas eu chamo-lhe a sala grande e ali vejo a bolsa castanha de cabedal de usar a tiracolo pendurada no gancho por cima dos quadros que pus de parte, aqueles que não me satisfazem totalmente, que se encontram entre a porta do quarto e a porta do corredor, e quando saio levo sempre comigo a bolsa castanha a tiracolo onde tenho um bloco de esboços e lápis, penso eu, mas vejo que a bolsa está pousada no assento do passageiro e eu continuo a conduzir para norte e acho que estou contente por voltar a casa, à minha boa casa velhinha em Dylgja e vejo-me de pé a olhar na direcção da mesa redonda que está junto da janela e das duas cadeiras vazias que estão junto da mesa, no espaldar de uma delas está pendurado um casaco de veludo preto, sim aquele que trago agora vestido, e ali, na outra cadeira que está mais perto do sofá, ali costumava eu sentar-me sempre, e a Ales sentava-se na cadeira ao lado, era a cadeira dela, penso eu, e vejo-me novamente parado a olhar para a pintura dos dois traços que se cruzam, não gosto de olhar para a pintura, mas é como se tivesse

de fazê-lo, penso eu, e continuo a conduzir para norte na escuridão e vejo o Asle sentado lá no sofá, a olhar na direcção de algo mas sem olhar para nada especificamente, e ele treme, estremece, treme e estremece constantemente e está vestido exactamente como eu, com calças pretas e camisola, e sobre o espaldar da cadeira que está junto da mesinha baixa encontra-se pendurado um casaco de veludo preto exactamente igual àquele que trago agora vestido e que costuma estar pendurado na cadeira junto da mesa redonda, o cabelo dele é grisalho e está preso na nuca com um elástico preto como o meu, e tem a barba grisalha e por fazer, também eu tenho a barba grisalha e por fazer, que aparo sensivelmente uma vez por semana, penso eu, e vejo o Asle ali sentado no sofá, e todo ele treme ao levantar ligeiramente uma das mãos à sua frente e um pouco para o lado, a mão treme-lhe mas ele pensa que por uma razão qualquer se sente melhor e mais leve agora e acha que devia comer um pouco, mas continua a tremer muito, então primeiro há que pôr-se em pé e ir beber qualquer coisa, pensa ele, ali sentado no sofá e eu penso que não posso deixar o Asle ficar ali sozinho assim, naquele estado, eu não devia ter passado simplesmente pela casa dele em Skutevika sem parar, porque eu vou vê-lo às vezes, e ele precisa de mim neste momento, penso eu, mas eu já passei há muito pelos blocos de apartamentos onde ele vive e não devia tê-lo feito, talvez devesse voltar para trás? mas já estou tão cansado, penso eu, e continuo a conduzir para norte, e junto à estrada avisto uma velha casa castanha meio em ruínas, em cujo telhado faltam algumas telhas, foi ali que a Ales e eu morámos durante um certo período, penso eu, e parece-me que isso já foi há muito tempo, sim, como se tivesse sido numa outra vida, penso eu, ao passar pela casa e depois de ter avançado mais um bocado, vejo o caminho de acesso, dou a volta e entro, paro o carro e fico sentado lá dentro, deixo-me ficar simplesmente sentado, e sem pensar, sem fazer nada, fico apenas sentado e depois penso por que carga de água é que parei o carro neste acesso? nunca aqui tinha parado antes, apesar de ter passado por aqui muitas vezes, bem, tenho mesmo de ir para casa, devia ter ido visitar o Asle mas agora já se fez demasiado tarde, penso eu,

e continuo sentado dentro do carro e penso que talvez devesse rezar uma oração e então dou comigo a pensar naqueles que se dizem cristãos e que acham, ou pelo menos achavam, que o baptismo é necessário para a salvação de uma criança, e ao mesmo tempo acham que Deus é todo-poderoso, então porque é necessário o baptismo para a salvação? não pode Deus fazer como quer? pois se Ele é todo-poderoso então será a Sua vontade que dita que alguns sejam baptizados e outros não? não, é uma loucura julgar que o baptismo é necessário para se alcançar a salvação, isso é demais, penso eu, e apercebo-me de que a minha mente se vai aclarando cada vez mais em torno deste pensamento, o pensamento de que é uma loucura alguns cristãos considerarem o baptismo necessário à salvação, seja lá o que for, esse pensamento é tão disparatado, tão manifestamente disparatado que nem sequer consegue ser risível, pois a loucura óbvia não dá vontade de rir, sobretudo a loucura daqueles que se intitulam cristãos, a loucura de muitos deles, não de todos, claro está, penso eu, e acho que aqueles que pensam dessa maneira não devem ter grande respeito por Deus, e penso em Jesus, no quanto ele gostava de crianças, dizendo que as crianças são do reino de Deus, que elas pertencem ao reino de Deus, e esse pensamento é belo e verdadeiro, acho eu, portanto porque é que terão ainda de ser baptizados aqueles que já pertencem ao reino de Deus? penso eu, e penso que o baptismo, o baptismo das crianças, está bem e é bom, mas é para as pessoas, não para Deus, para as pessoas é ou pode ser importante, ou melhor dizendo, talvez para a igreja, sim, sobretudo para a igreja, mas não o é para Deus, pois elas, as crianças, já fazem parte do reino de Deus, e nós devemos ser como elas, ser como as crianças pequenas, para podermos entrar no reino de Deus, tal como está escrito na Bíblia, penso eu, e acho que agora tenho mesmo de distanciar-me disto, pois se afinal até eu próprio penso como um louco e estou para aqui a pensar na loucura dos outros quando eu nunca consigo que os meus próprios pensamentos sejam claros, não há uma conexão entre eles, pois naturalmente não é preciso ser-se baptizado com água para se ser baptizado, também se pode ser baptizado em si mesmo, através do espírito que há em nós, do espírito

que somos e que temos, do espírito que nos foi dado ao termos nascido como pessoas, penso eu, e a maioria das pessoas, aquelas que viveram antes e as que ainda vivem, são apenas batizadas em si mesmas, não com água numa igreja, nem por um padre, são batizadas através do espírito que lhes foi dado e que têm dentro de si, e talvez através da sua conexão com outras pessoas, uma conexão que reside no significado, que reside no espírito que o significado tem em si, sim, tal como a língua tem em si, penso eu, e penso que algumas pessoas são batizadas, em crianças ou em adultos, sim, algumas são purificadas com água, com água benta, penso eu, e isso está bem e é bom em si mesmo, mas não mais do que isso, e o batismo de cada um, cada batismo em si, é, penso eu, um batismo para todos, para toda a humanidade, pois todas as pessoas têm uma conexão entre si, os vivos, os mortos, os que ainda não nasceram, e aquilo que uma pessoa faz não pode, de certo modo, separar-se daquilo que outra pessoa faz, penso eu, sim, tal como Cristo viveu, morreu e ressuscitou e permaneceu em união com Deus, como ser humano individual que era, o mesmo acontece com todas as pessoas, na medida em que são pessoas em Cristo, quer o queiram quer não, ligadas a Deus em Jesus Cristo e através de Jesus Cristo, através do Filho do Homem, quer sejam ou não conscientes disso, quer acreditem ou não nisso, é assim que é, pois em boa verdade, penso eu, isso também o cristianismo sabe, e eu próprio com efeito converti-me verdadeiramente à Igreja Católica, o que nunca teria feito se não fosse pela Ales, uma vez que eu nem estou de acordo com a Igreja Católica no que respeita à visão sobre o batismo das crianças, no entanto nunca me arrependi de me ter convertido, penso eu, pois a fé católica tem-me dado muito e eu considero-me cristão, sim, um pouco do mesmo modo que me considero comunista ou pelo menos socialista, e todos os dias rezo o terço à minha maneira, sim rezo várias vezes ao dia, e sempre que me é possível vou à missa, pois também ela, a missa, digo, contém a sua verdade, tal como o batismo também contém a sua verdade, sim, também o batismo faz parte da verdade, também ele pode conduzir a, ou levar a, ou orientar até Deus, penso eu, pelo menos o Deus tal como consigo

imaginá-Lo, porém, isso também acontece com as outras formas de pensar e de acreditar na verdade, tudo o que honestamente se volta para Deus, quer usemos a palavra Deus ou não a usemos, no caso de sermos tão sensatos, ou tão tímidos em relação à divindade desconhecida, tudo conduz até Deus, de modo que visto dessa maneira todas as religiões são uma só, penso eu, e visto dessa maneira a religião e a arte coincidem igualmente, também porque tanto a Bíblia como a liturgia são ficção e poesia e imagens, são literatura e teatro e arte figurativa, e como tal contêm a sua verdade, pois obviamente também a arte contêm a sua verdade, acho eu, mas agora não me posso deixar ficar aqui sentado, perdido em pensamentos, em pensamentos vagos, penso eu, agora tenho de conduzir para norte e voltar à minha casa em Dylgja, à minha boa e velha casa, agora não posso ficar aqui sentado dentro do carro e começar a enregelar, agora há que ligar o motor e conduzir até Dylgja, sim, que eu gosto de conduzir o automóvel, pois isso transmite-me uma certa tranquilidade, entro numa espécie de torpor que me dá uma autêntica sensação de alegria, e o pensamento de chegar de novo a Dylgja e à minha boa velha casa também me dá alegria, penso eu, se bem que agora chegue sempre a uma casa vazia, desde que morreu a Ales, não, isso até nem é verdade, pois apesar de a Ales ter morrido já há muito tempo ela continua a estar presente lá em casa, penso eu, e penso que devia ter arranjado um cão, pois sempre gostei de cães, e de gatos também, mas prefiro ter um cão, pois pode estabelecer-se uma melhor relação de amizade com um cão, penso eu, e pensei nisso muitas vezes, mas acabei por nunca arranjar um cão, nem sei bem porquê, talvez seja porque, apesar de tudo, prefiro estar sozinho com a Ales? pois embora ela tenha morrido continua a estar ali presente, penso eu, ou talvez esteja agora na altura de eu realmente arranjar um cão? penso eu, mas o Asle tem um cão, sim ele sempre teve cão ao longo de todos estes anos, penso eu, e penso que não devia simplesmente ter passado pelos blocos de apartamentos onde o Asle vive, na situação em que ele se encontra actualmente não pode estar sozinho, tão pesado como ele está, tão vergado sob a sua própria pedra, sob uma pedra oscilante, sob uma

pedra que está a empurrá-lo para debaixo da terra, penso eu, portanto tenho de voltar para trás para Bjørgvin, penso eu, e tenho de ir visitar o Asle, penso eu, pois tenho de ajudar a puxá-lo para longe de si mesmo, penso eu, e vejo-o sentado lá no sofá a tremer, a tremer, e eu devia ter voltado para trás, ele precisa de mim agora, mas eu estou tão cansado e quero tanto chegar a casa, só quero continuar a conduzir para norte e chegar a casa, pois estive em Bjørgvin e comprei tela para pintura na Loja de Arte e comprei ripas de madeira para os caixilhos interiores no Armazém de Madeiras, e comprei ainda uma enorme quantidade de víveres, e agora quero voltar imediatamente para casa em Dylgja, penso eu, e na verdade eu até tinha pensado ficar em Bjørgvin e ir assistir à missa do final da tarde na Igreja de S. Paulo, mas já estava demasiado cansado, por isso talvez seja preferível regressar a Bjørgvin no próximo domingo para assistir à missa da manhã, já passou tanto tempo desde a última vez que estive na missa que me faria bem estar de novo em frente do altar, e então poderei também ir visitar o Asle, penso eu, e vejo-o sentado lá no sofá, a tremer, a tremer, mas será que ele não tem de sair em breve e levar o cão a passear? penso eu, e vejo o *Brage* lá deitado junto da porta do corredor à espera que o levem a passear e a seguir vejo-o pôr-se de pé e ir até junto do sofá e depois pula para cima do sofá e deita-se no colo de Asle e o cão fica lá deitado a tremer também e o Asle não tem forças para se mexer, nem sequer consegue levantar a mão, nem dizer uma palavra, dizer uma só palavra representa para ele um grande esforço, é como se tivesse de se obrigar a fazê-lo, pensa ele, mas agora, bem agora, por uma razão qualquer os pensamentos dele já não estão tão bloqueados, agora já não se movem apenas dentro de um mesmo círculo fechado, neste momento não, pois quando o cão veio sentar-se no colo dele os pensamentos dele começaram a mover-se, pensa ele

Lindo *Brage*, diz o Asle

Lindo menino, lindo menino, diz ele

e o Asle afaga e afoga o pêlo do *Brage* com a sua mão trémula e pensa como é que pôde passar-lhe pela cabeça ir atirar-se ao lago, então quem

é que iria depois tomar conta do cão? como pôde ele realmente pensar em abandonar o cão, pensa o Asle, e agora já treme menos, se bem que ainda trema, o corpo dele estremece, penso eu, mas não, não quero pensar mais no Asle, já não quero vê-lo à minha frente, nem o longo cabelo grisalho dele, nem a barba grisalha dele por fazer, já não quero pensar nele, pensar nele não me leva a lado nenhum, pois ele é apenas mais um entre muitos semelhantes, ele está só, ele é só mais um entre muitos que estão sós, ele é só mais um entre muitos artistas, um pintor entre muitos outros, ele é só mais um pintor entre muitos que quase ninguém conhece, com exceção da família mais próxima e de uns escassos conhecidos dos anos de estudos, e além disso alguns colegas de ofício, ele não é mais nem menos do que qualquer outro pintor artístico, ele é um entre milhares, não, não quero pensar mais nele, penso eu, mas penso novamente que devia ter ido visitá-lo, sozinho como está, perdido como se encontra, eu devia ter ido visitá-lo e desafiá-lo para irmos beber um copo juntos, sim, ele podia ter tomado uma caneca de cerveja e um copinho de aguardente a acompanhar e eu teria bebido uma caneca de café com leite, uma vez que já não bebo cerveja, já não bebo cerveja nem vinho nem bebidas fortes, dado que me tornei abstémio, mas era isso que eu devia ter feito, pois se o Asle tivesse bebido qualquer coisa isso tê-lo-ia ajudado, ele teria então deixado de tremer, teria voltado a acalmar-se, tivesse ele simplesmente bebido um pouco isso ter-lhe-ia aliviado o peso interior, teria tornado a pedra mais leve, sim, talvez a pedra que o oprime se tivesse deslocado um pouco e deixado uma nesga de espaço para entrar um pouco de luz e de ar, por isso eu devia tê-lo levado comigo a qualquer sítio onde houvesse outras pessoas, onde as pessoas vão beber, onde vão procurar companhia e consolo para a alma, era isso que eu devia ter feito, e não apenas ter passado pela casa dele, mas sim ter parado, tê-lo levado comigo para onde houvesse vida, para que ele se animasse de novo, mas eu limitei-me a continuar a conduzir para norte, como se não me preocupasse com ele, como se quisesse distanciar-me dele o mais rapidamente possível, pois não consegui lidar com a situação, não consegui ver o Asle ali

prostrado, penso eu, e limitei-me a passar pelos blocos de apartamentos onde se encontra o apartamento dele, em Skutevika, como se o Asle fosse demasiado pesado, como se a dor ou o sofrimento dele, talvez essa palavra seja a mais apropriada, me impelisses a afastar-me dali, não porque não desejasse estar com ele, mas porque..., não sei, não, mas queria ir-me embora dali e talvez tivesse pensado que de certo modo podia levar comigo a dor dele, levá-la comigo a reboque, que podia arrancar-lhe o sofrimento se continuasse a conduzir? ou em todo o caso penso agora que era uma desculpa para o facto de ter continuado a conduzir e não ter parado, nem o ter ido visitar, pois se não foi por isso, porque não o fui visitar? porque fui covarde? porque não consegui partilhar com ele toda a sua dor? partilhar todo o seu sofrimento, mas o que pretendo com esta maneira de pensar? sim, porque isto não passa de uma mera forma de expressão, *partilhar a dor*, *partilhar o sofrimento*, são só formas de expressão, como se fosse possível partilhar a dor, partilhar o sofrimento, penso eu, e vejo-me ali sentado dentro do automóvel a olhar na direcção do parque infantil do lado de baixo do caminho de acesso, onde não há crianças, mas ali, sim, ali no baloiço está sentada uma mulher jovem com um longo cabelo negro, e num banco próximo dos baloiços está sentado um homem jovem com cabelo castanho meio comprido, tem vestido um sobretudo preto e um cachecol, e é fim da tarde ou cair da noite e ele permanece ali sentado a olhar para ela sentada no baloiço, e ele tem uma bolsa castanha de couro pendurada no ombro, e ela olha em frente, é Outono, algumas das folhas já começaram a mudar de cor, esta é a melhor e a mais bela estação do ano, penso eu, e mais belo é talvez o cair da noite, quando a luz está a desaparecer, quando já se misturou na luz um pouco de escuridão, mas ainda há suficiente claridade que me permite ver facilmente que uma parte das folhas já perdeu a sua cor verde, penso eu, esta é a minha estação do ano preferida, sempre foi, tanto quanto me lembro sempre gostei mais do Outono, penso eu, virando o olhar na direcção do homem jovem que continua imóvel sentado no banco, olhando em frente, como se não olhasse para coisa alguma, então desvio os olhos na direcção da jovem

mulher, que permanece sentada no baloiço, e também ela olha em frente, como se olhasse para o nada, mas porque estão totalmente imóveis? porque não se mexem? penso eu, ele sentado no banco, ela sentada no baloiço, ambos se encontram ali sentados, mas porque estão simplesmente sentados? porque não falam um com o outro? porque estão totalmente imóveis, como se fizessem parte de uma imagem? penso eu, sim, sim, precisamente como numa imagem, uma imagem que eu poderia pintar, penso eu, e sei que justamente este momento, justamente esta imagem, já se gravaram na minha memória donde jamais se apagarão, tenho tantas imagens destas gravadas na memória, milhares delas, e por um pensamento, ou por qualquer coisa semelhante que vejo, ou simplesmente por si só, pode surgir uma dessas imagens, muitas vezes nas ocasiões mais curiosas e nos locais mais estranhos, surge uma imagem, uma imagem imóvel que no entanto tem em si uma espécie de movimento, é como se cada uma dessas imagens, cada uma das imagens entre as milhares que tenho dentro da cabeça ou onde quer que as tenha, dissesse algo, dissesse alguma coisa quase inequivocamente, mas ao mesmo tempo é impossível descortinar inteiramente o que diz a imagem, é óbvio que posso sempre imaginar que a imagem diz isto ou aquilo, naturalmente que posso fazê-lo, e naturalmente até o faço, e também consigo imaginar algo do que a imagem possa dizer, mas nunca aquilo que ela realmente diz, pois não se pode compreender integralmente uma imagem, é como se ela não pertencesse bem a este mundo, como se diz, e é estranho, sim, é quase espantoso, pois agora eles estão sentados, ele e ela, como se fizessem parte de uma dessas imagens indescritíveis que vejo dentro de mim, embora esteja a vê-la na realidade, ele sentado ali no banco, ela sentada ali no baloiço, estão ali sentados como se não pudessem mover-se, como se alguma coisa invisível estivesse a prendê-los, e assim têm permanecido ali sentados durante muito tempo, ao que parece, sim, estão ali sentados como se assim tivessem estado sempre, todo o tempo, sempre, e ela tem vestida uma saia, uma saia lilás, e a cor da saia escureceu bastante com a escuridão envolvente, sim, a cor lilás vai ficando quase preta, e ele está

sentado com o longo sobretudo preto vestido, e com a bolsa castanha pendurada no ombro, o cabelo dele é castanho e meio comprido, e não se lhe vê ainda barba na cara, mas não posso deixar-me ficar assim sentado, penso eu, e penso que eles, ele e ela, estão sentados imóveis, e eu próprio também estou, tal como eles estou sentado imóvel, e não posso ficar simplesmente sentado assim dentro do carro, pois as pessoas que passem por aqui irão perguntar-se porque estou aqui sentado dentro do meu carro, porque não continuo a conduzir, mas por aqui não passa ninguém e mesmo que alguém passasse ninguém teria achado estranho que eu tivesse feito uma pausa num caminho de acesso, quando muito achariam aqueles dois no parque infantil, se tivessem dado pela minha presença, mas de certeza que não deram, pelo menos nenhum deles olhou na direcção em que me encontro, sentado no meu carro à medida que começou a escurecer devagar, ainda há claridade, mas a escuridão veio misturar-se no ar, lentamente, lentamente a escuridão misturou-se no ar, penso eu aqui sentado, enquanto olho para o homem jovem do sobretudo preto que está sentado num banco e tem uma bolsa de couro castanha pendurada no ombro e para a jovem mulher da saia lilás que está sentada num baloiço, é que eles continuam simplesmente ali sentados, imóveis, como se também fizessem parte de uma pintura, mas quando eu pinto, faço-o sempre como se tentasse remover essas imagens que se gravaram em mim, sim, imagens do tipo desta, dele e dela ali sentados, como que para apagá-las, para me ver livre delas, e já pensei que foi por essa razão que me dediquei à pintura, porque tenho dentro de mim todas essas imagens, sim, tantas que se tornaram um flagelo, que me atormentam sempre que vêm à tona repetidamente, quase como visões e nos contextos mais variados possíveis, e eu nada posso fazer contra ou a favor, tudo o que posso fazer é pintar, sim, é tentar apagar pintando essas imagens que se gravaram, nada mais, apagá-las uma após outra, mas sem nunca pintar exactamente aquilo que vi e que ficou gravado, não, isso tenho eu feito tantas vezes quando pinto só o que vi e nada mais do que isso, então como que me limito a duplicar a imagem, o que resulta numa má pintura, e não

me ajuda a livrar-me da imagem que tenho dentro de mim e que tento apagar, não, tenho de pintar a imagem de um certo modo que faça com que a imagem gravada se dilua e desapareça, como se fosse uma parte invisível e esquecida de mim mesmo, da minha própria e única imagem, da única imagem que sou e tenho, pois disso estou eu certo, só tenho uma imagem, uma única imagem, e todas as outras imagens, mesmo as que vejo e ficam gravadas e que não consigo esquecer, têm em si algo que se assemelha à única imagem que trago em mim, e este algo não é nada que se possa ver, mas sim algo que há naquilo que vejo, que faz com que a imagem fique gravada em mim, sim, é o que está a acontecer no que vejo neste momento em que estou sentado dentro do meu carro a olhar para um homem jovem e uma jovem mulher que permanecem sentados a olhar em frente e não um para o outro, sem dizerem nada um ao outro, mas é como se estivessem ligados entre si, como se fossem um só, pois é como se ele não pudesse ser visto sem ela e ela não pudesse ser vista sem ele, o cabelo negro dela, o cabelo castanho dele, o longo cabelo dela, o cabelo meio comprido dele, não podem ser separados um do outro ali onde se encontram sentados, e o facto de não se mexerem não é mais estranho do que o facto de eu não me mexer, dado que continuo sentado imóvel dentro do carro, sem nenhuma razão especial para isso, e afinal porque é que o faço? penso eu, e vem-me a ideia de ir ter com eles, de sair do carro e muito simplesmente ir ter com eles ao parque infantil, mas isso não se pode fazer sem mais nem menos, ambos têm direito a que os deixem em paz, encontram-se ali sentados numa serenidade tão grande e lenta e frágil que eu não posso ir assim importuná-los, para eles seria um tormento se eu fosse ter com eles, pois estão ali sentados tão quietos, tão serenos, penso eu, mas imagine-se eu aqui sentado no carro, como se não tivesse energia para fazer nada, não conseguisse dar conta de mais nada, como se tivesse ficado demasiado cansado depois de ter visto o Asle no apartamento dele à beira do lago em Skutevika, depois de ter visto os tremores do corpo dele, e como se tivesse ficado demasiado cansado depois de todos os assuntos que tratei em Bjørgvin, penso eu, agora tenho de conduzir até casa, chegar à

minha velha casa em Dylgja, à minha boa casinha, pois por agora já chega, penso eu, e olho uma vez mais para a jovem mulher sentada no baloiço e para o homem jovem sentado no banco e ele está a pensar que quando era criança todos os anos no Verão iam passar umas semanas em casa dos avós, os pais da mãe, e a casa deles ficava ao lado de um parque infantil justamente como este, um pequeno parque infantil, com um baloiço, um banco, um balancé e uma caixa de areia, era uma casa de pedra cinzenta, não muito grande, e no corredor do piso inferior o chão era coberto por lajes, tanto quanto ele se lembra, e havia uma latrina exterior, uma casinha um pouco escondida por detrás da casa de pedra cinzenta, com uns quantos arbustos em volta, e depois, ao lado da casa, mas um pouco mais afastado, ficava o parque infantil e ele ia muitas vezes a esse parque infantil, pensa ele, e talvez vá contar isso à rapariga, mas ela não deve dar nenhuma importância a coisas desse género, e agora que já estão sentados há tanto tempo sem dizer nada, vai ele romper esse silêncio para lhe contar que quando era criança morava durante alguns períodos junto de um parque infantil parecido com este, numa casa de pedra cinzenta, pensa ele, pois eles não poderão simplesmente continuar ali sentados eternamente e sem dizer nada, pensa ele

Quando eu era pequeno, diz ele,

olhando para ela

Sim, diz ela

olhando para ele, e na voz dela há como que alívio e expectativa, mas ele permanece sentado sem dizer mais nada e ela pergunta-lhe o que ia ele dizer

Sim, quando eras pequeno? diz ela

Sim, nessa altura morava durante alguns períodos numa casa perto de um parque infantil quase como este, diz ele

Sim, diz ela

É quase como se fosse o mesmo parque, diz ele

É um pouco estranho, diz ele

Parece exactamente o mesmo parque infantil, diz ele

Mas não deve haver nenhuma casa de pedra cinzenta aqui nas redondezas, ou há? diz ela

Não, não se trata do mesmo parque infantil, claro que não, diz ele

É simplesmente uma sensação tua? diz ela

Sim, diz ele

e depois ficam em silêncio, e ela continua a olhar em frente, e ele também olha em frente

Era uma casa pequena, uma casinha de pedra cinzenta, diz ele

e ela está sentada no baloiço, ele está sentado no banco, assim continuam ambos sentados e imóveis sem dizerem nada e então ela diz que ele cresceu numa pequena quinta, numa pequena fazenda à beira do Fiorde Horda, uma pequena fazenda com árvores de fruto, diz ela e ele diz que sim, que assim foi e diz que só de vez em quando é que morava na casinha de pedra, era só quando estavam em casa dos pais da mãe, os avós dele, pois eles moravam numa casa de pedra assim, perto de um parque infantil como este, diz ele, e eu sei que tenho de pintar esta imagem para a apagar, a próxima pintura que eu começar vai ser sobre aqueles dois, hei-de pintá-los para os apagar, hei-de pintá-los de acordo com a minha própria imagem interior, pois quando o fizer, e se me sair bem, então essa imagem desaparecerá e deixará de me inquietar e em vez disso trar-me-á tranquilidade, deixará de me visitar, pois de contrário, e eu sei que é assim, esta imagem irá surgir uma vez e outra na minha memória, mas então já eu provavelmente a terei pintado, ou terei pintado outra imagem que se lhe assemelhe, uma que seja mais ou menos igual àquela que estou a ver agora, e nesse caso vou ter de a pintar e apagar outra vez, terei de pintá-la e apagá-la repetidas vezes, penso eu, mas agora tenho de conduzir, não posso continuar assim sentado dentro do carro a olhar para duas pessoas que não sabem que estou aqui sentado a olhar para elas, penso eu, e sinto-me prisioneiro de um desânimo, de uma melancolia, de um pesar que cresce dentro de mim, vindo do nada, vindo de todos os lados, e sinto que este pesar está como que a sufocar-me, como se o inspirasse com o ar e não conseguisse expulsá-lo

e cerro os punhos e inspiro fundo e digo para mim *Kyrie* e expiro devagar e digo *eleison*, e inspiro fundo e devagar e digo *Christe* e expiro devagar e digo *eleison*, repito-o diversas vezes até que a respiração combinada com as palavras fazem com que eu já não me sinta invadido pelo pesar, pelo medo, por este medo súbito, por este pesar que no medo subitamente se apoderou de mim, e que agora me domina e que transformou aquilo que eu sou em mim numa pequena insignificância, mas numa pequena insignificância que todavia está ali presente, firme, inabalável, e que simplesmente se vai tornando cada vez mais nítida no seu movimento sem movimento, então inspiro fundo e digo para mim *Kyrie* e expiro devagar e digo *eleison*, e respiro desde o mais profundo de mim, tento respirar a partir do mais profundo de mim, e inspiro fundo e digo para mim *Christe* e expiro devagar e digo *eleison*, e tento respirar a partir daquilo que só existe lá no mais fundo de mim, a partir da imagem que está lá presente e da qual não posso dizer nada, tento respirar a partir daquilo que sou eu em mim, para manter afastado o pesar, ou pelo menos para o manter controlado, para que o medo não se apodere de mim, para que o medo não me paralise, e sinto que o pesar súbito, o medo súbito que me invadiu diminui à medida que eu cresço e penso que sou totalmente ridículo, se alguém me visse agora rir-se-ia de mim até perder o fôlego, pois imagine-se alguém sentado dentro de um carro estacionado num caminho de acesso a rezar o *Kyrie eleison Christe eleison*, é para rir, nada mais do que isso, mas que riam simplesmente, pois isso ajuda! isso ajuda! bem, agora já me sinto novamente mais calmo e volto a olhar na direcção daqueles dois além no parque infantil e penso que agora está na hora de regressar a casa para junto da minha mulher e do nosso filho, eles estão lá em casa à minha espera, mas eu ainda estou a caminho de Dylgja, e este é o caminho para Dylgja? bem, e agora tenho de conduzir para Dylgja, obviamente, pois para que outro sítio haveria de ir? vou ter com a minha mulher e com o nosso filho, por assim dizer, mulher e filho, não, como é que eu posso pensar isso? não, agora tenho de conduzir para Dylgja, para a velha

casa onde moro, onde vivo sozinho, essa é que é a realidade, e em vez disso estou a pensar que vou ter com a minha mulher e com o nosso filho, e talvez seja porque no fundo desejaría que fosse assim como eu penso? que realmente gostaria de poder fazê-lo? que gostaria de ir para junto da minha mulher e do nosso filho? que não precisasse de chegar a uma casa totalmente vazia, a uma casa vazia e fria? que não precisasse de aninhar-me no cantinho da minha solidão? e por isso penso que vou para junto da minha mulher e do nosso filho, embora vá para uma casa vazia, uma casa fria, mas acho que deixei um fogão de sala aceso? e de qualquer modo é sempre bom chegar a casa, chegar à minha boa velha casa, e o certo é que não posso ficar aqui sentado, dentro do carro, neste caminho de acesso, penso eu, olhando na direcção do parque infantil e entretanto já escureceu bastante e eu reparo que o homem jovem se levantou e foi pôr-se de pé atrás da jovem mulher com o seu longo sobretudo preto e está agarrado às cordas que suspendem o assento do baloiço de madeira acinzentada onde ela está sentada e puxa-a lentamente para trás

Não, diz ela

Não quero andar de baloiço, diz ela

Já não sou nenhuma criança, diz ela

e ele solta as cordas e ela baloiça para a frente

Não, deixa-te disso já, diz ela

e volta a baloiçar para trás

Deixa-te disso, deixa-te disso, grita ela

e ele limita-se a continuar a ampará-la e a empurrá-la para diante, e cada vez a empurra com mais força, dá-lhe mais e mais velocidade e ela baloiça para a frente e para trás e ele acha que se ela não quer baloiçar mais pode muito simplesmente pôr os pés no chão e parar o baloiço, isso é muito fácil, pois ela tem sapatos nos pés, mas ela não pára o baloiço

Não quero andar de baloiço, diz ela

Porque pões o baloiço a andar se eu não quero? diz ela

Não te pedi que o fizesses, diz ela

Não te disse que queria andar de baloiço, diz ela

e quando ela volta para trás ele imprime-lhe nova força, mais velocidade, e ela é projectada para a frente e para cima e já não grita, agora ela começou a colaborar, quando se encontra no ponto mais alto flecte os joelhos para trás e como que lança o tronco para trás e o baloiço adquire maior velocidade para trás, e quando ela chega mais atrás ao ponto de partida estica as pernas para a frente e ao mesmo tempo que ele empurra as costas dela, ela inclina-se para a frente e a velocidade aumenta, ela é projectada mais para a frente, mais para cima, cada vez mais para a frente, mais para cima

Mais depressa! grita ela

Empurra ainda com mais força! grita ela

Empurra com toda a força que poderes! grita ela

ela está ofegante e tem a voz quase um pouco rouca, e ele empurra-a com a máxima força que tem

Uhau! grita ela

Assiiim mesmo! grita ela

Assim mesmo, com toda a força que poderes, grita ela

e ele acha que já não consegue empurrar com mais força, ele não é muito forte, e já empurrou com a máxima força que tem, e começa a ficar cansado, pensa ele

Então, empurra com mais força! exclama ela

e ele já não empurra com tanta força, mas sim de maneira constante, empurra-a mais ou menos com a mesma força de cada vez, de maneira constante, encontraram um movimento constante, para cima e para baixo, ela baloiça para diante e para trás num movimento pendular constante e exclama como é agradável, como é realmente maravilhoso, ela sente borboletas no estômago, e ele não deve parar, deve continuar, ele tem de continuar a puxá-la para si, e a empurrá-la para longe de si, agora está bem assim, num ritmo constante para a frente e para trás, diz ela, com um pouco mais de velocidade constante agora, diz ela e então ele tem de imprimir toda a força que possui uma ou duas vezes, tem de empurrá-la para a frente com toda a força que possui um par de vezes, exclama ela, mas ela como que

exclama suavemente, ela continua a exclamar suavemente que tem muitas borboletas no estômago, e sente uma sensação de bem-estar por todo o corpo, toda ela é bem-estar, mas que é assustador lá isso é, medonho, terrivelmente assustador, mas também faz bem, completa e incrivelmente bem, exclama ela suavemente e sem fôlego

Força! empurra com a maior força que puderes, exclama ela

Faz isso! exclama ela

Faz isso mais umas vezes e depois paramos, exclama ela

e ele acha que por agora já chega, é que uma pessoa também se cansa de estar assim de pé a empurrar, e está a escurecer cada vez mais e primeiro ela não queria que ele a baloiçasse, e agora não quer que ele pare, assim será pois, pensa ele, e recua um pouco e o baloiço vem ao encontro dele

Empurra, empurra-me nas costas! exclama ela

e ele recua ainda mais

Não consegues? diz ela

e ele empurra-a e ela dá tanta velocidade quanta lhe é possível, segura-se às cordas com todas as suas forças e inclina-se para a frente e quando chega ao ponto mais alto, grita uhau! uhau! uhau! antes de voltar para baixo e para trás

Absolutamente maravilhoso, exclama ela

Mais! exclama ela

e ele olha para ela e recua tomando balanço e empurra-a com todas as suas forças

Siiim! grita ela

e ela prolonga a sensação, grita siiim! outra vez e depois grita siiim! mais devagar

Primeiro não querias andar de baloiço, diz ele

Não me atrevia, diz ela

E agora não queres parar, diz ele

Não, não, eu gosto disto, diz ela

Mas agora já andaste de baloiço o tempo suficiente, diz ele

É tão bom, é muito agradável, diz ela

e o baloiço oscila com movimentos cada vez mais curtos para diante e para trás, para cima e para baixo, para diante e para trás

Primeiro eu tinha medo, e depois deixei de ter medo, diz ela

Na maioria das vezes é assim, diz ele

Mas foi divertido, diz ela

e o baloiço está a voltar à posição de descanso, só oscila para a frente e para trás com movimentos muito curtos e ela diz que quando era criança nunca se atrevia a andar de baloiço, era tão assustador, achava ela, ou então atrevia-se mas moderadamente, um pouco para a frente um pouco para trás, e ele diz que talvez não devesse tê-la empurrado com tanta força e ela diz-lhe que foi bom que ele o tivesse feito, ela gostou, mesmo quando lhe disse que não gostava na realidade ela estava a gostar, diz ela, e então ele diz, sim na maior parte das vezes é isso que acontece, as pessoas dizem uma coisa e querem dizer outra, inclusive dizem o seu contrário, diz ele e ela diz que não sabe se isso se passa assim tão frequentemente, mas com ela, agora quando andou de baloiço, foi isso que aconteceu em todo o caso, diz ela e o baloiço já só oscila ligeiramente para a frente e para trás e ele agarra nas cordas e prende o baloiço e ela pára e ele permanece de pé atrás do baloiço e fica a segurá-lo até este deixar de se mover totalmente, depois fica ali parado e ela fica ali sentada e levanta os olhos para ele

Foi divertido, diz ela

Sim, apesar de sermos pessoas crescidas, diz ele

Em todo o caso quase adultas, diz ela

Mais ou menos adultas, neste caso, diz ele

Mais ou menos pois, diz ela

e ele empurra de novo o baloiço com cautela e solta as cordas

Mais ou menos adultas, diz ele

Mais ou menos, mais ou menos, diz ela

e o baloiço oscila por si próprio para diante e para trás, agora com movimentos curtos, para cima e para baixo, já mais devagar, lentamente para a frente e para trás

Em todo o caso adultas em breve, diz ela

Pois, diz ele

E volta a agarrar nas cordas e o baloiço pára

Mas está a ficar escuro, diz ele

Ainda há um pouco de claridade, diz ela

Uma última vez? diz ela

e ele volta a agarrar nas cordas, recua e puxa-a para si, recua tanto quanto pode, e puxa-a para cima o mais que pode, depois corre para a frente e solta o baloiço e ela grita, não! não! mais não, com tanta força não, tão depressa não, já não aguento mais, não aguento tanto, exclama ela, oh não! não! não! grita ela e ele afasta-se do baloiço

Tanto não! exclama ela

É demasiado, exclama ela

Oh! exclama ela

e ele endireita-se e olha para ela e vê-a baloiçar para a frente e para trás, para cima e para baixo, mas cada vez mais devagar, e a seguir ela dá a si própria um pouco de velocidade, para a frente e para trás, para cima e para baixo, depois a velocidade diminui e o baloiço já só oscila para a frente e para trás e ele afasta-se ainda mais do baloiço

Aonde vais? diz ela

A parte nenhuma, diz ele

Mas tu estás a ir em direcção ao portão, vais-te embora? diz ela

Não, não, diz ele

Eu não te deixo só, mas daqui a nada é noite, por isso talvez esteja na altura de irmos para casa? diz ele

Espera só até o baloiço parar, diz ela

e ela põe os pés no chão e trava e o baloiço pára por completo, depois olha para ele, sorri e diz que foi muito divertido, que desde criança que não andava de baloiço, diz ela, e nessa época ela não gostava muito de andar de baloiço, era tão cobardolas, tinha sempre medo de tudo quando era pequena, quando era menina, diz ela

Não te atrevas a andar de baloiço? diz ele

Só um pouquinho, diz ela

Pois, diz ele

«E vejo-me de pé a olhar para a pintura com as duas linhas,
uma roxa e outra castanha, que se cruzam a meio numa imagem
alongada, e vejo que pintei as linhas devagar e com tintas
de óleo espessas que escorreram entretanto»

Mais um ano está a findar, e Asle, um velho pintor viúvo e solitário, está parado defronte da sua última tela. Interroga-se se estará pronta, se gosta dela ou se a levará juntamente com as outras treze obras que preparou para a sua próxima exposição em Bjørgvin. É o início de uma longa meditação sobre o seu passado de jovem pintor sem dinheiro, a relação com Ales, a sua falecida mulher, e a conversão tardia ao catolicismo. Porém, existe um outro Asle, tão real quanto aquele, também ele pintor, também ele solitário, mas dependente do álcool. Duas histórias de vida que se cruzam. Luz e sombra. Fé e desespero.

Escrito num estilo hipnótico inconfundível, *O Outro Nome* é o livro inaugural do último projecto romanesco de Jon Fosse. Segundo a crítica, constitui um dos pontos cimeiros da celebrada carreira do autor, que o confirma como um nome essencial da literatura contemporânea.

«Com *Septologia*, Fosse descobriu uma nova forma de escrever ficção, diferente de tudo aquilo que escreveu até hoje e — estranhamente, uma vez que o romance cumpre cinco séculos de existência — diferente de tudo aquilo que foi escrito até hoje. Sente-se a novidade em *Septologia*.»




Harper's

«Há na acumulação rítmica de palavras deste livro algo de encantatório e de auto-aniquilador — algo que soa quase a sagrado.»

Wall Street Journal



Penguin
Random House
Grupo Editorial

 penguinlivros.pt
  penguinlivros

ISBN 9789896237677



9 789896 237677 >